

O IRÃ ESTÁ RECEBENDO AJUDA?

Sem capacidade de vencer militarmente os Estados Unidos e Israel, o Irã aposta em uma estratégia de desgaste: cegar, esgotar e sobrecarregar o adversário – enquanto seus mísseis hipersônicos de precisão crescente e a sombra da China podem estar transformando um conflito regional em uma guerra de alcance global.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A estratégia do Irã é bastante simples. Eles sabem que, militarmente, não são páreo para as forças combinadas dos Estados Unidos e de Israel, e que alguns países da OTAN também poderiam entrar na guerra. Portanto, o Irã sabe que uma vitória militar decisiva é extremamente improvável.

Mas a estratégia iraniana pode ser resumida em uma frase: “Nós vamos cair, mas vamos levar vocês conosco.”

Qual é, então, a estratégia iraniana?

O Irã possui um dos maiores e mais diversificados arsenais de mísseis do Oriente Médio, focado na dissuasão convencional, incluindo mísseis balísticos de médio alcance (até 2.000 km), mísseis de cruzeiro e tecnologia hipersônica. Modelos notáveis incluem o Fattah-2 (hipersônico), o Sejjil, o Kheibar, o Shahab-3 e o Ghadr-110, capazes de atingir bases israelenses e americanas.

As bases iranianas possuem diversos túneis subaquáticos para bloquear a entrada do Estreito de Ormuz, que tem pouco mais de 33 quilômetros de largura. Elas também possuem baterias costeiras. A estratégia iraniana seria evitar uma resposta proporcional como da última vez (a Guerra dos Doze Dias). Desta vez, eles estão respondendo com tudo.

Como estamos vendo, os iranianos afirmam: *“Atacaremos Israel com mísseis balísticos de médio alcance, mísseis balísticos hipersônicos e mísseis de cruzeiro hipersônicos.”*

Considere a experiência da guerra na Ucrânia. Os sistemas Patriot e THAAD americanos não conseguiram interceptar mísseis hipersônicos, que podem mudar de direção. Eles não seguem uma trajetória balística que os computadores possam prever e interceptar. O Oreshnik é um exemplo, assim como o Kinzhal e o Iskander; todos são hipersônicos e não foram interceptados.

O fato é que, mesmo em junho passado, vários mísseis iranianos conseguiram atingir Israel e causaram danos bastante sérios, o que a mídia americana está obviamente acobertando. A Névoa da Guerra 2.0 aparece e obscurece e confunde tudo. Disseram que nada aconteceu. Mas a realidade é que o arsenal de mísseis do Irã causou milhões de dólares em prejuízos a Israel.

TRÊS FASES

Uma estratégia militar atribuída ao Irã (de uma perspectiva claramente ocidental), baseada na guerra assimétrica, pode ser resumida em três palavras: Cegar, Esgotar, Sobrecarregar.

O conceito central é que um ator com menos recursos pode neutralizar um adversário superior (como os Estados Unidos e seus aliados) explorando a dependência tecnológica, o alto custo dos sistemas defensivos e a limitação de recursos materiais avançados.

OBJETIVOS CLAROS

A Secretária de Imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt, detalhou os “objetivos claros” da operação dos EUA contra o Irã:

- Destruição dos mísseis iranianos e da indústria de mísseis.
- Destruição da frota iraniana.
- Eliminação da ameaça representada por grupos aliados do Irã na região.
- Prevenção da fabricação e uso de dispositivos explosivos improvisados ou bombas por grupos fantoches, que “feriram e mataram milhares e milhares de pessoas”.
- Prevenção da obtenção de armas nucleares pelo Irã.

O coronel americano Douglas Macgregor alertou: *“Acho que este país (Irã) vai se manter firme. Acho que tínhamos expectativas equivocadas de que ele entraria em colapso em 48 a 72 horas. Atribuímos muita importância ao que pensávamos ser uma grande agitação no país, quando, na verdade, não era. Havia muitas pessoas infelizes e descontentes por causa da economia, em grande*

parte devido às nossas sanções, mas também devido à má gestão do governo. Mas a população em geral não parece interessada em derrubar o governo. Eles não vão derrubá-lo agora. Eles vão se manter firmes. **E a questão é que, neste momento, estou começando a pensar cada vez mais que a logística vai decidir o resultado.** Já estamos ficando sem mísseis em lugares como os Emirados Árabes Unidos e o Catar. A Marinha disparou muito poucos mísseis padrão, e tenho a impressão de que nosso estoque está baixo. Os israelenses dispararam muitos mísseis, e não acho que eles possam sustentar isso indefinidamente, e nós não conseguimos produzir o suficiente para acompanhar. Então, Pode ser que, no fim das contas, neste caso, a logística determine o resultado final, pois não acredito que haja qualquer perigo de os iranianos ficarem sem mísseis.”

A QUESTÃO CRUCIAL

Uma questão fundamental: a China está ajudando o Irã?

O jornalista Khayal Muazzin pergunta: a China está travando uma guerra contra os Estados Unidos por meio do Irã? Essas dúvidas surgem de vários indicadores. Por exemplo, o fato de os mísseis iranianos atingirem alvos com tanta precisão, de seus alvos serem escolhidos com considerável certeza e de os resultados serem muito mais eficazes do que o esperado sugere que isso não é mais uma questão exclusiva das capacidades iranianas.

O Irã sabe em qual hotel e andar os agentes da CIA e do Mossad estão hospedados e ataca precisamente nesses locais. Descobre todas as instalações militares e de inteligência secretas dos EUA e de Israel na região e as ataca.

Durante a Guerra dos Doze Dias, a precisão dos mísseis iranianos era muito baixa. **Agora, eles quase nunca erram seus alvos.**

Quem está ajudando a identificar alvos dos EUA em países árabes e fornecendo inteligência eletrônica? Esta guerra já se tornou global?

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
